

Economia - Brasil **Crescimento com justiça social**

O GLOBO

ITAMAR SERPA

Depois de passar dias boiando ao sabor das marés, um naufrago avistou um pequeno ponto que lhe parecia terra firme. Ao aproximar-se, viu que se tratava apenas de um pequeno bote abandonado. Longe de ficar desanimado, agradeceu aos céus pela oportunidade de sair da água e secar o corpo. Apesar de ser a décima maior economia mundial, o Brasil está longe de alcançar o bloco dos países desenvolvidos, e sabe que para chegar ao seu destino precisará se enxugar na canoa das reformas. O problema é que nem todos remam na mesma direção, e estamos desperdiçando esforços e tempo.

Apesar disso, o Brasil subiu seis posições no ranking da competitividade dos países deste ano em relação ao anterior, um estudo preparado pelo Fórum Econômico Mundial, que analisa dados macroeconômicos e entrevistas com três mil executivos de 53 países. Este documento é decisivo para determinar quais as áreas que devem ser privilegiadas com investimentos externos, hoje liderada pelo Sudeste Asiático. Na lista, encabeçada por Cingapura, ocupamos a 42ª posição. Somos um país de dimensões continentais, mas para a elite da economia mundial o mapa da América do Sul pela ordem de importância começa pelo Chile (13º), Argentina (37º), Peru (40º) e Colômbia (41º).

Segundo o economista Jeffrey Sachs, professor da Universidade de Harvard, o Brasil poderia estar muito mais bem posicionado se abrisse ainda mais a economia, desvalorizasse sua moeda, permitisse maior acesso da competição internacional no mercado financeiro brasileiro, promovesse melhorias em infra-estrutura, serviços públicos e educação.

Com as reformas, criamos condições para modernizar o Estado através do enxugamento de sua máquina, profissionalizando-a ao mesmo tempo. Sobrarão recursos para a realização de investimentos não apenas no ensino fundamental, mas principalmente na formação e qualificação dos nossos trabalhadores, hoje completamente desatualizados das necessidades do mercado. O professor Sachs, contudo, escorrega quando omite conceitos justamente na área em que possui maior conhecimento. Somente quem sofreu na pele os efeitos nefastos da inflação, sabe que é preciso muita cautela para resguardar o sucesso do Plano Real do ataque especulativo que corrói bolsas de valores de todo o mundo.

A questão mais importante, no entanto, é: seria este modelo compatível com uma política que coadune desenvolvimento com justiça social? Esta é uma situação complexa e contraditória. Complexa, pois em Cingapura, eleita por dois anos consecutivos como o país que oferece melhores condições de investimentos, o padrão de vida de sua população ainda não experimentou grandes benefícios.

Contraditória, porque os países da União Européia, que possuem forte regulamentação no setor de bem-estar social, estão enfrentando dificuldades para crescer e competir num ambiente globalizado, o que só faz aumentar ainda mais suas taxas de desemprego. O relatório da competitividade coloca a França em 23º lugar, a Alemanha em 25º, a Espanha em 26º e Portugal na 30ª colocação.

É uma situação no mínimo curiosa, na medida que países emergentes, como o Brasil, disputam a tapas e subsídios o privilégio de acolher unidades industriais alemãs, francesas e espanholas. Se o desemprego atinge níveis alarmantes onde estão as matrizes dessas empresas, por que razão elas não oferecem estas oportunidades de trabalho aos seus compatriotas? A resposta óbvia seria a oferta de mão-de-obra barata. Na verdade, o que elas querem é agradar aos seus acionistas, oferecendo-lhes bons dividendos. Se isto não for possível na terra natal, que se busque em outros pontos do planeta.

A globalização tem esse aspecto de crueldade, mas é um processo irreversível do qual não podemos deixar de estar inseridos. Longe de se apresentar como tábua de salvação da Humanidade, deixa-nos apenas duas opções: marcar presença no mercado mundial com produtos e serviços com qualidade e preços baixos, ou caminhar inexoravelmente para a miséria. Alguns países dos chamados tigres asiáticos vivem esta dualidade.

Apesar de nossa modesta colocação no ranking dos países competitivos, somos a quinta nação em atração de investimentos externos, só perdendo para China, Estados Unidos, Índia e Indonésia. Contribuíram para isso, ainda segundo o estudo do Fórum Econômico Mundial, a malha viária e o staff das telecomunicações. Em contrapartida, o relatório aponta como deficientes nossas instalações portuárias, e a falta de investimentos em infra-estrutura e educação.

Está claro, portanto, a importância de aprovarmos as reformas constitucionais em regime de urgência. Modernizando os setores administrativo, previdenciário e tributário, além de permitir que o Estado concentre todas as suas ações e investimentos em setores básicos, criaremos condições justas e duradouras para figurar no topo de qualquer avaliação de desenvolvimento.

Não podemos perder de foco, sob pena de provocar desilusão e revolta, de que este processo não se encerra com a revisão constitucional. É apenas o início de um grande esforço que o Governo terá que fazer para reverter o nosso lamentável quadro social. Se hoje podemos oferecer mais iogurte, frango e dentaduras, a formação de uma nova geração de brasileiros demandará esforços cujos resultados somente serão percebidos a longo prazo.

É possível suportar pressões e oscilações do mercado lançando pacotes fiscais durante algum tempo. Mas uma economia sólida será aquela capaz de não aceitar imposturas internacionais, apenas para figurar no alto de uma lista de países prósperos pelo capital.